

Como todo trabalho desta coletânea, a primeira parte do volume consta de uma exposição em quatro capítulos, nos quais o autor periodiza a evolução da educação na época em aprêço.

O primeiro capítulo versa sôbre a educação antiga e de como sobrevivia ainda nos séculos VI e VII, além de uma análise sôbre as características da educação romana e o papel da Igreja católica.

No capítulo seguinte, Pierre Riché mostra como a escola antiga vai desaparecendo em função das novas aspirações que surgem, dando lugar à escola monástica, na qual, lentamente esfumaçar-se-ia o espírito do mundo antigo — as fábulas da época clássica seriam substituídas pelas máximas do Livro dos Provérbios e pelas histórias bíblicas.

Aos poucos, os monges transformariam os métodos pedagógicos da Antigüidade.

O terceiro capítulo é dedicado ao período carolíngio, geralmente considerado a idade de ouro das escolas e dos educadores de então.

Os séculos X e XI estão representados no capítulo quarto, que assinala como, em um Ocidente em pleno desenvolvimento do regime feudal, a cultura não fôra totalmente esquecida, e as escolas reviviam com vigor quando as circunstâncias políticas o permitiam.

Mercê do tema que se propôs estudar, pôde o autor enunciar problemas que interessam à História e aos estudiosos e que pelas controvérsias que suscitam, despertam viva atenção: — em que época exatamente teria desaparecido a escola antiga? Que relações teria a cultura pagã e a cristã nos programas de educação? Seriam os leigos instruídos ou não? Qual a influência que teriam tido a educação judia e muçulmana sôbre a cristã?

Relacionando tais indagações, apresentou Riché esclarecimentos sôbre as mesmas, em comentários que, baseados em outros trabalhos, expoem o estado atual de tais questões.

O mérito do autor, que pelas obras já publicadas revela-se um especialista da época medieval, reside na tentativa de desfazer a noção preconcebida e tantas vêzes divulgada do obscurantismo que teria caracterizado a Idade Média. Em geral, quando se evoca a educação nesse período é para se condenar os “métodos medievais” de pedagogos mais propensos a impor autoritariamente o seu saber do que em formar jovens espíritos.

Os textos entretanto relacionados na segunda parte do livro, evidenciam à saciedade que os contemporâneos dos tempos reputados “bárbaros”, preocuparam-se com os problemas pedagógicos e tentaram dar-lhes uma solução.

SUELY ROBLES REIS DE QUEIROZ.

\* \*  
\*

LINS (Ivan). — *A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas*. Prefácio de Afrânio Peixoto. Livraria Civilização Brasileira. 4ª edição. Rio de Janeiro. 1970. 388 pp.

Em plena época cientificista, contrariando a tendência generalizada de denegrir a Idade Média (a “noite de mil anos” de Michelet, a *dark age* dos autores ingleses), Augusto Comte procedeu a uma verdadeira reabilitação de tão caluniado período da História. Posteriormente, os estudos de Pirenne, Calmette, Buehler e outros grandes medievalistas lançaram novas luzes sobre os estudos históricos e, hoje, ninguém mais, em sã consciência, seguiria a cartilha dos caluniadores do século passado. Antes, o que se procura ver na Idade Média é o seu sentido de transição, de “elaboração” de um mundo novo (não é este, por acaso, o título de um dos livros que Calmette?). É este, também, o sentido que Ivan Lins procura dar à sua interpretação da Idade Média. Seu livro resultou de uma série de conferências proferidas em 1938 na Academia Brasileira de Letras e no Automóvel Clube do Brasil. Publicado pela primeira vez naquele mesmo ano, alcança agora a quarta edição, “com poucas modificações do texto primitivo, quase tôdas apenas atinentes à forma”. Apresentando esta nova edição, escreveu Francisco de Assis Barbosa os tópicos que julgamos oportuno transcrever: “Obra de sábio, um panorama majestoso de um época equívocadamente considerada obscurantista. Ivan Lins empreende a reavaliação do material humano e cultural da Idade Média. Não pense o leitor que se trata de livro de leitura difícil, maçudo, pretensioso e hermético. Nada disso. O que há de admirável nele é que, na restauração de todo o medievalismo, pedra por pedra, com sólida argamassa, areia e cal da mais pura erudição histórica e filosófica, a Idade Média se levanta num painel de contornos límpidos, menos para o deleite dos iniciados, mais para a compreensão sobretudo de jovens de estudantes e mesmo daqueles sem qualquer discriminação de ordem cultural que desejarem possuir uma visão não estática mais dinâmica, ampla e correta, sobre matéria tão vasta e controvertida. A característica fundamental deste livro — nunca será demasiado encarecê-lo — reside na total e absoluta isenção com que o tema é tratado, além do profundo conhecimento do assunto, oferecendo Ivan Lins uma imagem tanto quanto possível verdadeira da outrora malsinada e ainda sempre desconhecida Idade Média”.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

\* \*

\*

BRÉHIER (Louis). — *Le monde byzantin. I. — Vie et mort de Byzance. II. — Les Institutions de l'Empire byzantin. III. — La Civilisation Byzantine.* Éditions Albin Michel. Coleção “L'Évolution de l'Humanité”. Paris. 1970. 3 volumes. 640+636+623 pp. 36 F. os três volumes.

Trata-se da 2ª edição dessa excelente obra de Louis Bréhier, na mesma editora, na mesma coleção, mas desta vez em tamanho de bolso. Ao texto primitivo foi acrescida uma bibliografia suplementar das obras aparecidas desde 1949 (1ª edição) até 1970, da autoria de Jean Gouillard.